

CONFISSÕES DE RALFO: UMA LEITURA DO TEXTO DE SÉRGIO SANT'ANNA PELA ÓTICA DA TEORIA DA RECEPÇÃO

Taciana Gallas¹

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise do romance *Confissões de Ralfo* do escritor brasileiro Sérgio Sant'Anna, a partir da perspectiva da Teoria da Recepção. Após uma breve exposição do romance e do enfoque teórico utilizado, realizaremos uma interpretação pontual acerca dos lugares vazios que o texto literário e o paratexto apresentam. Esses “lugares vazios”, termo utilizado pelo teórico Wolfgang Iser, deverão ser preenchidos no ato da leitura. Como conclusões, sinalizamos que o livro possui diversos espaços vazios/lacunas que são introduzidos na narrativa. Essas lacunas foram interpretadas a partir da estruturação dos capítulos, a qual dificulta o estabelecimento de uma sequência cronológica. A introdução de personagens que participam brevemente da narrativa e a mudança de foco narrativo são também indícios dos referidos espaços vazios. Por fim, propomos uma discussão acerca das formas assumidas pelo gênero romance em *Confissões de Ralfo*, narrativa cujas lacunas geram determinadas expectativas no leitor que podem ser rompidas ao decorrer da leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Romance contemporâneo brasileiro; Wolfgang Iser; Lugares vazios; Expectativa de leitura; Sérgio Sant'Anna.

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo presentar un análisis de la novela *Confissões de Ralfo* del escritor brasileño Sérgio Sant'Anna, a partir de la perspectiva de la Teoría de la Recepción. Después de una breve exposición de la novela y del enfoque teórico utilizado, realizaremos una interpretación puntual acerca de los espacios en blanco que el texto literario y el paratexto presentan. Estos “espacios en blanco”, término utilizado por el teórico Wolfgang Iser, deberán ser rellenados en el acto de la lectura. Como conclusiones, resaltamos que el libro posee diversos espacios en blanco/vacíos que son introducidos en la narrativa. Estos vacíos fueron interpretados a partir de la estructuración de los capítulos, la cual dificulta el establecimiento de una secuencia cronológica. La introducción de personajes que participan brevemente de la narrativa y el cambio en el foco narrativo son también señales de los referidos espacios en blanco. Por fin, proponemos una discusión acerca de las formas asumidas por el género romance en *Confissões de Ralfo*, narrativa cuyos vacíos generan determinadas expectativas en el lector que pueden ser rotas al transcurrir de la lectura.

PALABRAS-CLAVE: Novela contemporánea brasileña; Wolfgang Iser; Espacios en blanco; Expectativas de lectura; Sérgio Sant'Anna.

Considerações iniciais

Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise do romance *Confissões de Ralfo* (1975) do escritor brasileiro Sérgio Sant'Anna, a partir da perspectiva da Teoria da Recepção. O autor já recebeu diversos prêmios pela publicação de suas obras e, em 2019, comemora 50 anos de produção literária. A partir dessas considerações, avaliamos a importância de dar

¹ Licenciada em Letras – Português e Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS/ Campus Cerro Largo. Mestranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/ Campus Santa Maria). Bolsista da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). E-mail: taciana.gallas@hotmail.com. Link currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9553593553534646>

visibilidade a autores, que mesmo com uma longa trajetória literária, ainda têm muito a dizer sobre o contemporâneo na literatura brasileira.

O enredo de *Confissões de Ralfo* apresenta várias problemáticas quando confrontado com a Teoria da Recepção. Essas problemáticas se referem à sua estrutura, às suas personagens, ao foco narrativo e ao próprio gênero romanesco. Diante disso, para analisarmos o romance, escolhemos os argumentos de Iser referentes aos “lugares vazios”, os quais são reincidentes na narrativa.

Apresentação do texto literário

Confissões de Ralfo é um romance² brasileiro contemporâneo que aborda as aventuras do personagem Ralfo. Ele convive com diferentes personagens, inclusive, personagens de outros textos ficcionais e, também, transita em diferentes espaços relatando peripécias que viveu. O protagonista, Ralfo, apresenta-se como um escritor que pretende, ao final de suas confissões, publicar seu livro. Nesse livro, são contadas as histórias do personagem desde a sua concepção até o momento de sua morte que ocorre com o término do livro, como explicado no epílogo.

Quanto à estrutura, o livro apresenta informações importantes no paratexto, sendo este composto por prólogo, epílogo, notas finais, epígrafes, entre outros elementos. O texto literário é dividido em trinta e dois capítulos, porém esses capítulos são divididos em diferentes livros³. No roteiro, exposto no paratexto do livro, é explicitado que os livros possuem um sutil relacionamento entre si, mas eles também podem ser desfrutados separadamente. Sendo assim, o que percebemos é a descrição de acontecimentos cronológicos que marcaram a vida de Ralfo, que decide expor sua trajetória de vida, por isso, atentamos para a leitura baseada em uma sequência de fatos.

Porém, a estrutura dividida em livros dificulta o estabelecimento de uma ordem cronológica dos acontecimentos, pois entre o início e final de cada “livro”, muitas vezes, são iniciadas novas tramas. Outro ponto interessante acerca da estrutura de *Confissões de Ralfo* são as diversas formas de escrita que o compõem, como por exemplo, o gênero diário, letra de

² A ficha catalográfica indica que o livro é do gênero romance.

³ Esses livros, dentro do livro de Sant’Anna, podem também ser entendidos como capítulos que reúnem diferentes temáticas.

canção, roteiro turístico, carta, peça teatral, entre outras formas textuais. Esses gêneros textuais, geralmente, aparecem no início dos livros e interrompem uma possível relação com o encerramento do livro anterior.

Ralfo estabelece vínculos com personagens ficcionais como, por exemplo, Pancho Sança, que relembra a figura de *Sancho Pança* de Miguel de Cervantes. Também, se relaciona com Alice, do livro *Alice no país das maravilhas* de Lewis Carroll, além de vários outros personagens. A narração é feita pelo protagonista Ralfo, porém, em determinados capítulos, o foco narrativo estará na voz de outros personagens secundários.

É importante ressaltar que o romance estabelece uma relação com a autobiografia, termo exposto no subtítulo “uma autobiografia imaginária”. Além disso, sugere ao leitor um diálogo com a autoficção, pois cita que “este livro trata da vida real de um homem imaginário ou da vida imaginária de um homem real” (SANT’ANNA, 1975, p. 2), o que supõe um vínculo com uma figura autoral real ou fictícia.

Diante dessa breve apresentação do texto literário, gostaríamos de salientar que várias lacunas são deixadas para a interpretação. Essas lacunas podem ser entendidas quando analisada a estrutura do texto, a relação entre os personagens, a mudança do foco narrativo e a dúvida quanto ao gênero do livro. Portanto, a narrativa apresentará diversas provocações que podem resultar em um diálogo entre leitor e texto literário.

Foco teórico

O foco teórico utilizado para a elaboração do trabalho está centrado na utilização dos pressupostos da Teoria da Recepção, também conhecida como “Estética da Recepção”. Os principais teóricos que discutiram e introduziram a teoria na área da literatura são: Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, sendo que, muitos outros teóricos tematizaram a teoria a fim de que ganhasse forma na área da literatura.

Regina Zilberman no seu livro intitulado *Estética da Recepção e História da Literatura* (1989) expõe considerações acerca do surgimento dessa teoria. A autora menciona que:

Em 1975, Hans Robert Jauss fez uma exposição durante o congresso bienal dos romanistas alemães em que, historiando o aparecimento da estética da recepção, situou o movimento no quadro dos acontecimentos políticos e intelectuais da década de 60. Este período caracterizou-se, efetivamente, por transformações que afetaram a vida universitária, em particular, e a sociedade

ocidental, de modo amplo, com consequências visíveis em vários setores, um deles sendo o das investigações literárias (ZILBERMAN, 1989, p. 8).

Jauss apresenta discussões que vinham sendo destacadas desde a década de 60. Entre as transformações ocorridas nesse período está a da investigação literária. Conforme Zilberman, tal transformação, relacionada à literatura, expressa uma “recusa vigorosa”, por parte dos acadêmicos, “dos métodos de ensino da história da literatura” (ZILBERMAN, 1989, p. 9), já que ainda estavam arraigados aos padrões do século XIX.

A Teoria da Recepção muda essa perspectiva, dando destaque para o leitor, que por muito tempo foi negligenciado pela literatura. Neste momento, percebe-se que ele tem importância para a “vitalidade da literatura enquanto instituição social” (ZILBERMAN, 1989, p. 11). Diante dessas considerações, percebemos que o leitor, para a Teoria da Recepção, é indispensável diante da leitura de um texto literário. Tal ideia é reforçada por Eagleton (2006, p. 113) quando menciona que:

A teoria da recepção examina o papel do leitor na literatura e, como tal, é algo bastante novo. De forma muito sumária, poderíamos periodizar a história da moderna teoria literária em três fases: uma preocupação com o autor (romantismo e século XIX); uma preocupação exclusiva com o texto (Nova Crítica) e uma acentuada transferência da atenção para o leitor, nos últimos anos.

Conforme o crítico, por muito tempo, a literatura privilegiou o autor e o texto literário. O leitor passa a ser importante, pois entende-se que a significação de um texto literário depende de uma materialização que só é possível mediante o ato da leitura. Sobre isso, Zilberman, quando menciona a conferência de Jauss, ainda apresenta que “o foco deve recair sobre o leitor ou a recepção, e não exclusivamente sobre o autor e a produção” (ZILBERMAN, 1989, p. 49). Assim sendo, leitor, autor e texto literário assumem uma mesma importância diante dos estudos literários.

Wolfgang Iser estabelecerá a ideia de “lugares vazios” em sua obra intitulada *O ato da leitura*, sendo que o leitor terá o trabalho de preencher essas lacunas do texto literário, “pois o lugar vazio organiza de uma determinada maneira as mudanças de perspectiva empreendidas pelo ponto de vista do leitor” (ISER, 1999, p. 148). Dessa forma, o leitor formulará expectativas de leitura que podem ser revistas ao longo da leitura da narrativa.

Sobre isso, Umberto Eco (1994, p. 9) expõe que “todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho”. Esse fato revela que o leitor desenvolverá

a tarefa de preencher espaços que não são explicitados pelo texto literário, investindo também em suas experiências de leitura anteriores.

No livro que nos propomos a analisar, podemos observar que existem lacunas que o leitor terá que interpretar, levando em consideração a narrativa e o paratexto do livro. Deste modo, para nossa análise, levaremos em consideração a perspectiva abordada por Iser quando menciona os “lugares vazios” do texto literário. Segundo Costa (2011, p. 12) esses lugares vazios rodeiam a estrutura do texto e, “preencher tais espaços torna-se, para o leitor, um desafio, pois obriga-o a reorganizar as representações que já construiu”, uma vez que as expectativas podem ser rompidas e o leitor deverá reconsiderá-las.

Para a análise dos lugares vazios, exporemos excertos do texto literário, e também levaremos em consideração o paratexto. O paratexto consiste em informações que estão fora do texto literário. Genette (1989, p. 11-12) o apresenta como “[...] título, subtítulo, intertítulos, prefácios, epílogos, advertências, prólogos, etc.; notas al margen, a pie de página, finales; epígrafes [...]”⁴, entre outros elementos. Portanto, a relevância em mencionar o paratexto está centrada na abordagem que faremos acerca do subtítulo: “uma autobiografia imaginária”. Ainda, o paratexto exporá reflexões sobre a trajetória do personagem e da própria estruturação do enredo, por isso, percebemos a importância de sua análise.

Confissões de Ralfo: uma análise dos “lugares vazios”

Uma das primeiras considerações que gostaríamos de abordar é a questão do tempo de publicação e do tempo da leitura, pois, como já exposto anteriormente, a presente edição de *Confissões de Ralfo* foi publicada no ano de 1975. Diante desse fato, percebemos um espaço de tempo até os dias atuais, sendo assim, o leitor pode dar uma nova interpretação para esse texto levando em consideração o contexto em que vive e o contexto do momento da escrita. Essa ideia de distância entre escrita autoral e o ato da leitura é apresentada por Zilberman (1989, p. 100):

Há, pois, entre escritor e audiência, sempre uma assimetria, provocadora simultaneamente do diálogo e da controvérsia. Por sua causa, mantém-se constante um intervalo, a ser preenchido por novos leitores que, mesmo em outra épocas e contextos, voltam à ficção para ali reconhecerem uma realidade a ser questionada ou a questioná-los. Efetivado esse processo, a obra se

⁴ [...] título, subtítulo, intertítulos, prefácios, epílogos, advertências, prólogos, etc.; notas na margem, no rodapé, finais; epígrafes [...] (Genette, 1989, p. 11-12 tradução nossa).

atualiza; mas o resultado depende também da postura questionadora de ambos – tanto do processo de leitura, quanto da obra, pois, se um dos dois não se dispuser ao diálogo, acontece o desinteresse e a monotonia.

Como mencionado pela autora, o leitor que vive em outra época pode gerar uma atualização da obra que dependerá do diálogo empreendido no processo de leitura. Assim sendo, o leitor traz consigo uma bagagem de leitura que será depositada na interpretação de determinado texto literário. Jouve (2002, p. 24) estabelece que:

É precisamente o caráter diferido da comunicação literária que, de certa forma, faz a riqueza dos textos. Recebido fora de seu contexto de origem, o livro se abre para uma pluralidade de interpretações: cada leitor novo traz consigo sua experiência, sua cultura e os valores de sua época.

No ato da leitura, o leitor produz novas interpretações, pois traz consigo uma experiência de leituras e de aprendizagens. Deste modo, o texto depende do leitor para tomar forma e adquirir sentidos, a fim de preencher seus “lugares vazios”. Em relação a esses lugares vazios, o romance *Confissões de Ralfo* apresenta problemáticas desde o início do enredo, uma vez que é perceptível que algo ocorreu anteriormente à “concepção” do personagem como Ralfo. Esse fato pode ser confirmado no trecho a seguir:

O primeiro passo é abandonar a cidade e qualquer vínculo com a existência anterior. Mais do que isso: apagar todos os traços deste passado. Compenetrarme de que sou Ralfo, concebido do nada, com uma realidade física e mental de vinte e poucos anos de idade (SANT’ANNA, 1975, p. 13).

Diante desse excerto, percebemos que há uma informação anterior que é ocultada, pois uma personalidade é deixada para trás e uma nova personalidade é adquirida pelo protagonista. Essa é uma das primeiras lacunas deixadas pelo texto literário, que nos levam de encontro com as palavras de Iser quando afirma que “os lugares vazios indicam o não-dado, criando uma forma oca para a configuração de sentido, forma oca que só o leitor poderá preencher com suas representações” (ISER, 1999, p.177). Então, o leitor realizará apostas de leitura para que seja possível interpretar quem é a figura que antecede a existência de Ralfo.

Diante dessas considerações, é importante destacar que Iser (1999, p. 136) expõe que os lugares vazios “suspendem a *good continuation* e acionam a colisão das representações, o que significa que a vivacidade de nossa representação aumenta proporcionalmente ao número dos lugares vazios”. Assim sendo, no livro de Sant’Anna, os lugares vazios “frustrarão” o diálogo com a narrativa e, tal problemática, modificará as expectativas criadas pelo leitor. Demais

aspectos, como, por exemplo, a estruturação dos capítulos também contribuirão para a contínua reformulação das referidas expectativas.

Explicamos anteriormente que o livro é dividido em trinta e dois capítulos, construídos a partir de diferentes livros. Iser (1999) fará menção à estruturação de capítulos usando o exemplo do romance de folhetim, porém, podemos adaptar sua análise para o livro que estamos analisando. O teórico explicita que o romance de folhetim

[...] produz geralmente uma interrupção quando uma tensão foi criada, tensão que requer soluções, ou quando o leitor conhecer o desenlace do que acaba de ler. Cortar ou adiar o suspense é condição elementar da interrupção (ISER, 1999, p. 139-40).

Em *Confissões de Ralfo*, a narrativa construída a partir de livros faz com que a sequência cronológica da história vivida pelo protagonista seja interrompida em determinados momentos. Tal fato também corrobora para que o leitor não saiba, de imediato, qual o desfecho ou a continuação da história.

Um exemplo disso é visível entre o “Livro I” que é finalizado com a seguinte frase: “E saí com as minhas coisas do camarote. Pronto para o desembarque” (SANT’ANNA, 1975, p. 35), e o Livro II que inicia com o título “Letra para uma canção a ser cantada enquanto marchamos”. Por conta da introdução dessa letra de canção, entendemos que entre os dois livros não há uma sequência lógica de continuação do enredo. O leitor fica sem saber em qual espaço o personagem desembarca e o que acontece até sua chegada em “Eldorado”, que é explicitado no segundo capítulo do Livro II. Outro exemplo ocorre entre o final do Livro II e o Livro III. O Livro II é finalizado dessa forma:

[...] Ralfo, o Canastrão, foi desabando lentamente, tendo o cuidado de atirar seu corpo sobre o peitoril da sacada, de modo que o cadáver do Guia Provisório de Eldorado, voando os vinte metros que o separavam do solo, caísse nos braços de seu tão amado povo (SANT’ANNA, 1975, p. 50).

Após a queda de Ralfo, o leitor não sabe o que acontece e, somente no Livro III é apresentado por Ralfo que ele se encontra em um hospital: “Sim, um hospital de loucos, porque há delírios desse modo” (SANT’ANNA, 1975, p. 53). Sendo assim, entre um acontecimento e outro, o leitor deve imaginar o que se sucede com o personagem, já que ele não oferece informações suficientes.

Percebemos que, na estruturação construída a partir dos livros, os lugares vazios aparecem com mais frequência e, além disso, o início de alguns capítulos com diferentes

gêneros textuais faz com que o leitor perca o foco da sequência da narrativa. Além do gênero “letra de canção” apresentado anteriormente, também há o “roteiro turístico de Goddamn City” que abre o Livro IV (SANT’ANNA, 1975, p. 73); a canção intitulada “Eu sou uma preta velha aqui sentada ao sol” (SANT’ANNA, 1975, p. 105) que é abertura do Livro V; a “Sentença Judicial” (SANT’ANNA, 1975, p. 128) que encerra o Livro V, além de outros exemplos que corroboram para um rompimento da sequência dos fatos vividos pelo protagonista.

Ainda levando em consideração os lugares vazios no texto literário, gostaríamos de apresentar o capítulo que é intitulado “Literatura” (SANT’ANNA, 1975, p. 217). Nesse capítulo, Ralfo descreve sua tentativa de publicação de suas *confissões*, como afirmado no trecho: “[...] convocado expressamente pela COMISSÃO INTERNACIONAL DE LITERATURA, para exame público do meu esboço de romance e a conseqüente aprovação ou desaprovação” (SANT’ANNA, 1975, p. 217). Assim como em outros capítulos, este apresenta uma lacuna deixada pelo personagem em relação ao procedimento de escrita do livro e como chegou até a “comissão” que o julgaria. Portanto, sua trajetória não é completamente explicitada e cabe ao leitor preencher, interpretativamente, alguns episódios da narrativa.

Outras questões, não diretamente relacionadas com a estrutura do livro, mas com o próprio enredo, dizem respeito aos personagens que aparecem e desaparecem ao longo da narrativa. Iser (1999, p. 140) expõe que:

Outra forma amiúde praticada para induzir o leitor a uma atividade mais intensa de formação de representações consiste em introduzir novos personagens mediante sucessivos cortes ou começar novas tramas, de modo que o leitor se encontra diante do desafio de formular relações entre a trama até então conhecida e as novas e imprevistas situações.

Diante de tais palavras, relacionamos a perspectiva de Iser com os personagens do enredo de *Confissões de Ralfo*, pois percebemos que na narrativa são introduzidos muitos personagens. Quando iniciada uma nova trama, o leitor, muitas vezes, fica sem saber o que aconteceu com os personagens que faziam parte do enredo nos capítulos anteriores. A seguir, um exemplo das primeiras personagens que se relacionam com Ralfo: Sofia e Rosângela. O protagonista descreve como as conheceu:

As duas gêmeas irmãs gordas. Voltando elas de uma estação de águas, foi como as encontrei. Se visse as duas vestidas igualmente, não saberia dizer quem era uma e quem era outra (SANT’ANNA, 1975, p. 18-19).

Ralfo desenvolverá um relacionamento com essas duas irmãs e, inclusive, se aproveitará da generosidade delas. Quando ele resolve abandoná-las, rouba alguns pertences e dinheiro e o

leitor não fica sabendo o que acontece com elas, e como reagiram após o sumiço de Ralfo. O último momento em que elas são citadas é no excerto a seguir:

Cabelo um pouco mais crescido, mala na mão, roupas novas e elegantes, dinheiro no bolso, uma vaga noção de para onde ir. Ralfo limpa a gordura de presunto dos lábios e sai para a rua. Sofia e Rosângela, adeus[...] (SANT'ANNA, 1975, p. 26).

Após a finalização desse capítulo, as duas personagens não são mais mencionadas. Esse desaparecimento das personagens ocorre também com demais personagens, como, por exemplo, Rute, a mulher amada por Ralfo. Rute é uma última vez mencionada no seguinte excerto⁵:

Mas não pode haver esforço se cessa de existir aquele que o produz e perco também a noção de mim mesmo, Rute agora que não se percebe um lugar onde habitamos, habito agora que não existe uma cidade, um cenário, pessoas não existem pedras, vento, espaço, ausência de espaço agora que deixa de existir até mesmo quem imagine ou sinta a falta de tudo isso pois se não existem objetos, pontos, para que um observador os aprenda, também esse observador se dilui de todo agora que não existe nada, Rute nem tu (?) ou eu (?) apenas nada (Rute?) nada (SANT'ANNA, 1975, p. 70).

Após uma breve aparição de Rute, o protagonista não menciona o que se sucedeu com ela, pois não é mais mencionado seu nome e, posteriormente ao encerramento desse capítulo, é iniciado outro livro. Portanto, o leitor fica sem saber o que acontece com Rute. Mais um exemplo se refere à breve aparição da personagem “Madame X”, que escreve sobre Ralfo no seu diário. Conforme o excerto a seguir, ela menciona que entregará seus escritos ao protagonista:

Uma decisão corajosa faz meu coração bater com mais força esta noite. Trata-se do seguinte: entregarei estas últimas páginas do meu diário para o sr. Ralfo ler. Além de manifestar minha amizade e confiança, ele poderá fornecer-me alguns conselhos valiosos sobre a arte da literatura (SANT'ANNA, 1975, p. 139).

Após essa última declaração de Madame X, o leitor não tem mais informações sobre ela e como Ralfo reagiu após receber seu diário. Posteriormente ao término desse capítulo, é iniciado outro intitulado “Carta à mamãe” que não apresenta relação com os episódios narrados anteriormente. O que acontece com essas personagens da narrativa é um apagamento, pois são deixados para trás e não são mais retomados. Assim sendo, o narrador inicia e encerra novas tramas sem informar ao leitor o que acontece com os personagens apresentados. Tal ideia indica

⁵ O excerto retirado do livro possui alguns espaçamentos que foram mantidos.

que existe um lugar vazio, e exige do leitor um preenchimento desse espaço, interpretando o que se sucedeu na relação entre os personagens.

Além das considerações acerca da estrutura do livro e dos personagens, gostaríamos de mencionar problemáticas acerca da narração no romance que estamos analisando. Ralfo inicia suas confissões usando a primeira pessoa do singular (eu), portanto, conta suas próprias experiências. Porém, uma informação importante é dada no prólogo do livro, em que o personagem destaca que:

Antes de tudo quero divertir-me – ou mesmo emocionar-me- vivendo e escrevendo este livro e tomando com ele diversas liberdades, como a de objetivar-me, algumas vezes, na 3ª pessoa do singular ou através da fala de terceiros (SANT’ANNA, 1975, p. 2).

As ocorrências de mudança de narrador são explicitadas já no prólogo do livro, sendo uma estratégia utilizada pelo próprio protagonista de usar a voz de outros personagens para falar de si mesmo. Diante disso, percebemos que esse foco muda em alguns capítulos, sendo que outras personagens assumem a narração, como no capítulo intitulado “Fragmentos do diário de Madame X, Psicopata” (p. 131).

Nesse capítulo, Madame X faz uso da primeira pessoa (eu) para escrever sobre o personagem Ralfo, como é visível no excerto: “O sr. Ralfo estava hoje divertindo os pacientes na sala de estar. Fazendo mágicas, tocando piano e até mesmo realizando número de equilibrismo (SANT’ANNA, 1975, p. 139). Notamos que o foco narrativo está na voz de outra personagem e “o leitor começa a descobrir que não mais dispõe da orientação que esperava da perspectiva do narrador” (ISER, 1999, p. 163), porque é orientado por outro personagem. Dessa forma, temos acesso às características do personagem Ralfo a partir da visão de um outro narrador.

Além do exemplo anterior, ocorrem também outras mudanças quanto ao foco narrativo, como no capítulo intitulado “Relatório conjunto da comissão de psiquiatras convidada a observar o baile de gala no laboratório existencial Dr. Silvana” (SANT’ANNA, 1975, p. 144). Nesse capítulo, a narração é realizada por mais de uma pessoa, por isso, destacamos o uso do “nós”, como no excerto a seguir: “Como dissemos, o sr. Ralfo assumiu o papel de si mesmo. E naquele instante o ‘si mesmo’ era simplesmente a loucura” (SANT’ANNA, 1975, p. 151). Com isso, percebemos que, novamente, a voz narrativa é assumida por outros personagens.

O que notamos é que, mesmo ocorrendo a mudança de narrador, os personagens continuam falando sobre Ralfo. Madame X, em sua breve aparição, preocupa-se em escrever

sobre o que sente por Ralfo e o que Ralfo faz no Laboratório Existencial Dr. Silvana. Também, no relatório da comissão de psiquiatras, o assunto principal é sobre o comportamento de Ralfo no evento realizado no Laboratório.

Além de o protagonista assumir destaque na narração de personagens secundários, ele também utiliza a terceira pessoa do singular (ele) para falar de si mesmo, como é possível perceber no excerto:

Uma vontade, neste momento, de estar longe daqui, de não ser Ralfo ou qualquer outro obrigado a mostra-se valente. Mas rastejando, de qualquer modo, como os outros. Porque agora seria impossível voltar. Iniciada a insensatez, é preciso prosseguir. Talvez a maior farsa de Ralfo seja essa, tornar-se um herói (SANT'ANNA, 1975, p. 44).

Nesse excerto, é possível perceber que Ralfo fala de si mesmo na terceira pessoa, pois afirma que, nesse momento, não gostaria de ser Ralfo. Portanto, a mudança de foco narrativo surge como uma lacuna na medida em que exige do leitor uma interpretação dessas mudanças, percebendo que Ralfo continua sendo o assunto principal mesmo quando a narração é feita por outros personagens secundários.

O gênero como um “lugar vazio”

Após abordar possíveis “lugares vazios” no livro *Confissões de Ralfo*, em relação à estruturação dos capítulos, à apresentação dos personagens e à narração, ainda gostaríamos de destacar considerações acerca do gênero. Como já introduzido anteriormente, o livro de Sant'Anna apresenta uma discussão em relação ao romance relacionado às escritas de si. Por isso, consideramos importante uma revisão acerca da autobiografia e, também, da autoficção, tendo em vista que a dúvida em relação ao gênero surge como uma lacuna.

O leitor efetivará uma primeira expectativa de leitura após ler o termo “autobiografia” no subtítulo do livro. Diante disso, julgamos de fundamental relevância mencionar algumas considerações sobre esse gênero. De acordo com Lejeune (2014), a autobiografia é uma

[...] narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade (LEJEUNE, 2014, p. 16).

Em *Confissões de Ralfo* é apresentada uma história individual, no caso a do personagem Ralfo, porém, Lejeune (2017) ainda explicita que o nome do personagem deve ser o mesmo nome do autor, o que não ocorre no romance que estamos analisando. Ralfo que é o nome do

protagonista não confere com o nome do autor que assina a capa (Sérgio Sant’Anna). Por isso, não há como constatar que o texto literário se trata de uma autobiografia. Klinger (2012, p. 36) expõe que:

Lejeune considera que a biografia e a autobiografia, diferente da ficção, são discursos ligados a pactos referenciais, ou seja, eles pretendem aportar informação sobre uma realidade exterior ao texto, e portanto se submetem a uma prova de verificabilidade.

Entendemos que a trajetória apresentada pelo protagonista não é passível à verificação, pois o enredo apresenta aventuras de um personagem ficcional que não podem ser relacionadas à realidade. Tal fato pode ser comprovado, por exemplo, a partir do encontro de Ralfo com personagens de outros enredos ficcionais, o que não é possível relacionar à realidade exterior ao texto.

Ainda, é importante mencionar que o termo “autobiografia”, que aparece no subtítulo, é seguido da palavra “imaginária” e, por isso, consideramos importante trazer à tona uma discussão sobre a autoficção. Outras considerações expostas no prólogo do livro revelam que “este livro trata da vida real de um homem imaginário ou da vida imaginária de um homem real” (SANT’ANNA, 1975, p. 2). Tal excerto também estabelece uma relação com a autoficção, pois gera uma dúvida quanto a Ralfo ser uma figura criada a partir da história de um homem real ou imaginário.

A autoficção pode ser entendida como: “[...] uma obra literária através da qual um escritor inventa para si uma personalidade e uma existência, embora conservando sua identidade real (seu nome verdadeiro)” (LEJEUNE, 2014, p. 26). Novamente, ressaltamos que personagem e autor não compartilham do mesmo nome e, por isso, não é possível afirmar que a obra se trata de uma autoficção. Porém, Ralfo se apresenta como um escritor e conta as suas aventuras, então é possível deduzir que o romance trata de uma autobiografia de um escritor ficcional. Portanto, no universo diegético de um texto ficcional, o personagem que assume a figura de um escritor pode escrever sua autobiografia.

Por isso, concordamos que o gênero do livro é um romance, assim como apresentado na ficha catalográfica. Figueiredo (2013, p. 13) expõe que sua hipótese é que “o romance hoje se transforma ao utilizar procedimentos das chamadas escritas de si” e, dessa forma, entendemos que o romance cria armadilhas ao se conectar com a autobiografia e a autoficção. Essas armadilhas apresentam uma relação com os lugares vazios expostos por Iser, pois o leitor depositará no texto várias expectativas ao firmar um primeiro pacto de leitura a partir do título.

Porém, ao perceber que não é possível assinar um pacto autobiográfico, e, nem autoficcional, o leitor deverá empreender a criação de um novo pacto diante do texto ficcional. Sendo assim, entendemos que, no caso do livro que estamos analisando, o gênero romance “brinca” com as expectativas do leitor e requer dele uma atitude participativa para o estabelecimento de um pacto de leitura.

Considerações finais

Apresentamos, neste trabalho, uma proposta de análise do romance *Confissões de Ralfo*, do autor brasileiro Sérgio Sant’Anna, a partir da perspectiva da Teoria da Recepção. Utilizamos pressupostos do teórico Wolfgang Iser, a partir dos “lugares vazios”, termo utilizado para definir possíveis problemáticas que um texto literário apresenta em sua estrutura e enredo. Esses lugares vazios deverão, segundo o teórico mencionado, ser preenchidos por um leitor em constante diálogo com o texto literário.

Para a escrita do trabalho, detemo-nos, primeiramente, na apresentação de aspectos do texto literário, a fim de esboçar como ele é organizado e como sua estruturação implica na leitura. Posteriormente, apresentamos o escopo teórico utilizado ressaltando a perspectiva da Teoria da Recepção e os principais pressupostos teóricos. Delineamos, desta maneira, nossa discussão a partir do teórico Wolfgang Iser e, propomo-nos a analisar excertos do texto literário e o paratexto do livro de Sant’Anna (quando analisados seus elementos estruturais).

Na análise do romance, percebemos possíveis lacunas que, no ato da leitura, deverão ser preenchidas por um leitor. Observamos que a estruturação dos capítulos/livros dificulta o estabelecimento de uma sequência cronológica da narrativa, sendo que, o leitor não fica sabendo sobre o desfecho de muitas ações do personagem principal, e, às vezes, só tem acesso à continuação da história após a passagem de alguns capítulos.

Também observamos a quantidade de personagens que são introduzidos na narrativa, e o desaparecimento deles que não é explicitado pelo narrador. Ainda, buscamos analisar a mudança do foco narrativo, sendo que, Ralfo inicia a narrativa utilizando a primeira pessoa do singular (eu) e, posteriormente, também utiliza a terceira pessoa do singular (ele) para falar de si mesmo. Além disso, outros personagens assumem a narração utilizando a primeira pessoa do singular e, também, a primeira pessoa do plural (nós). Portanto, a mudança do foco narrativo deixa uma lacuna para a interpretação do leitor.

Por fim, expomos considerações acerca do gênero do livro, tendo em mente que o leitor estabelece uma primeira expectativa de leitura ao se deparar com o termo “autobiografia”. As discussões nos levaram a rever os termos “autobiografia” e “autoficção” a partir da perspectiva de Lejeune (2014). O que concluímos acerca do gênero, é que o romance faz uso das escritas de si para confundir o leitor, para que ele rompa com suas expectativas iniciais e estabeleça novas expectativas ao decorrer da leitura.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Márcia Hávila Mocchi da Silva. *Estética da recepção e teoria do efeito*. 2011. Disponível em: https://abiliopacheco.files.wordpress.com/2011/11/est_recep_teorias_efeito.pdf Acesso em: 09/07/2019.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. 6ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FIGUEIREDO, Euridice. Formas e variações autobiográficas. A autoficção. In:___ *Mulheres ao espelho, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- GENETTE, Gerard. *Palimpsestos: La literatura en segundo grado*. Taurus S.A., 1989.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria de efeito estético*. Volume 2. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo, Editora 34, 1999.
- JOUBE, Vincent. *A leitura*. Tradução de Brigitte Hervor. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 2ª edição. Rio de Janeiro. 7letras, 2012.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. 2ª edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- SANT’ANNA, Sérgio. *Confissões de Ralfo: uma autobiografia imaginária*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. Editora Ática S. A. São Paulo, 1989.

**Artigo recebido em agosto de 2019.
Artigo aceito em novembro de 2019.**